

Vivências da orientação sexual na juventude: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural

Rômulo Lopes da Silva

Vera Lucia Trevisan de Souza

RESUMO:

A vivência da sexualidade no momento da juventude tem gerado embates no campo político e social na sociedade brasileira compondo formas particulares de constituição subjetiva e inserção social de jovens gays. Assim, este estudo objetivou refletir sobre o lugar que assumem as vivências relacionadas à orientação sexual não heterossexual nas trajetórias de jovens gays. As informações foram produzidas por meio de entrevistas online semiestruturadas, realizadas com dois jovens que se auto identificam como gays. Tratam-se de reflexões oriundas de uma pesquisa-intervenção orientada pela Psicologia Histórico-Cultural e estudos de gênero e sexualidade, e as entrevistas foram analisadas com inspiração na proposta Núcleos de Significação, a qual evidencia os processos históricos e sociais das significações sobre ser jovem gay. As reflexões revelam as tensões e conflitos presentes nas sociabilidades juvenis gays no contexto histórico atual, em que as experiências dos dois jovens lançam luz aos papéis sociais assumidos, em meio às situações de individualização, conservadorismo e redução da coletividade.

Palavras-chaves: jovens; homossexualidade; sexualidade; psicologia histórico-cultural

ABSTRACT:

Experiences of sexual orientation in youth: reflections from cultural-historical psychology

The experience of sexuality during youth has sparked political and social debates in Brazilian society, shaping distinct forms of subjective constitution and social inclusion for young gay individuals. This study aimed to reflect on the role that experiences related to non-heterosexual orientation play in the life trajectories of young gay people. The data was collected through semi-structured online interviews with two young individuals who self-identify as gay. These reflections stem from an intervention research project by Historical-Cultural Psychology and gender and sexuality studies. The interviews were analyzed using Nuclei of Meaning approach, which highlights the historical and social processes of meaning-making about being a young gay person. The reflections reveal the tensions and conflicts present in the social life of gay youth in the current historical context, where the experiences of the two young individuals illuminate the social roles they assume amidst situations of individualization, conservatism, and diminishing collectivity.

Keywords: young; homosexuality; sexuality; historical-cultural psychology

Sobre os autores

R. L. S.

<https://orcid.org/0000-0002-2164-8119>

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Assis - SP

romulo-lopes.silva@unesp.br

V. L. T. S.

<https://orcid.org/0000-0003-2062-0680>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP)

Campinas - SP

vera.trevisan@uol.com.br

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Este artigo tem como objetivo refletir sobre as vivências relacionadas à orientação sexual não hegemônica nas trajetórias de jovens gays. A orientação sexual diz respeito aos desejos sexuais, os quais podem se direcionar para as diferentes identidades de gênero. Neste trabalho são enfatizadas as experiências sociais e a constituição da identidade sexual de jovens gays em meio às transformações sociais e históricas que compõem a vivência da sexualidade não hegemônica. Inicialmente, em busca de situar o campo de discussão e os fundamentos teóricos, são apresentadas informações que contextualizam o debate sobre a sexualidade no contexto brasileiro, com centralidade na juventude. Destarte, aproximam-se essas reflexões com as concepções da Psicologia Histórico-Cultural sobre a juventude e o processo de desenvolvimento humano.

Nas últimas décadas, o período de eleições presidenciais e os diferentes meios midiáticos na sociedade brasileira foram tomados por questões que concernem à sexualidade. Nesse debate, foram abordados temas como o aborto, casamento entre pessoas do mesmo gênero, programas de combate à homofobia como, por exemplo, o material do projeto Escola Sem Homofobia, renomeado pela direita brasileira como “kit gay”, e o combate à chamada “ideologia de gênero” (Junqueira, 2018; Santos, 2020). Esses discursos ganharam destaque a partir de estratégias políticas ultraconservadoras, nas quais os direitos sexuais, reprodutivos e da família são assumidos como essenciais para a manutenção das visões tradicionais e heterocentradas. Assumindo essa perspectiva, defendem-se as normas e valores sociais que colocam a ideia de que todas as pessoas devem se apresentar como heterossexuais, a saber, a atração afetivo-sexual pelo gênero oposto (Junqueira, 2018).

Desse modo, passa a ser instigada a manutenção de um sistema social, em que o sexo, o gênero e o desejo sexual devem estar direcionados à reprodução e ao encontro do gênero oposto (Butler, 1990/2019). As infâncias e juventudes tornaram-se alvos privilegiados para a mobilização de estratégias e intervenções que promovem o pânico moral e a vulnerabilidade dos sujeitos diante de discussões que concernem ao gênero e à sexualidade (Mattos & Cavalheiro, 2020). Frente a essa realidade, a família e a escola, instituições sociais que estão em contato direto com os jovens, devem assumir práticas voltadas ao maior controle e vigilância, com vistas a contribuir para a manutenção de valores, normas e crenças que privilegiam a matriz heterossexual.

Assim sendo, vivemos em uma realidade que coloca em disputa as narrativas sobre as infâncias, adolescências e juventudes, nas quais os sujeitos são percebidos como vulneráveis, sem possibilidades de ação sobre as vivências da sua sexualidade, o que gera tensões em torno da conquista de direitos para a população LGBTI+. Sem dúvida, trata-se de questões que interpelam as experiências vividas por jovens dissidentes da heteronormatividade, sendo lésbicas, gays, bissexuais, entre outros, representa-

dos comumente pela sigla LGBTI+ (Mattos & Cavalheiro, 2020).

Atualmente, temos testemunhado no Brasil um movimento histórico e sociopolítico em que, por um lado, emergem políticas de defesa dos direitos da população LGBTI+, dentre eles o combate e criminalização da homofobia e, por outro, surgem movimentos que visam dismantlar essas políticas, sinalizando para um retrocesso. Os jovens dos dias atuais, portanto, vivem o desafio de enfrentar e compreender essas direções opostas no que concerne aos direitos e constituição identitária da população LGBTI+, pois ao mesmo tempo em que reconhecem um passado de lutas e conquistas viabilizadas pela participação política, veem suas conquistas ameaçadas no futuro, justamente por posicionamentos políticos contrários à liberdade de expressão e respeito à diversidade.

Estudos sobre projeções populacionais apontam que o Brasil tem, atualmente, a maior população jovem de sua história. Essa população abarca indivíduos entre 15 e 29 anos, entretanto, esse contingente começará a diminuir a partir de 2021 (Neri & Hecksher, 2021). Isso tem um impacto direto na urgência de se discutir as experiências atuais desses jovens e os efeitos que terão na sociabilidade futura do país, principalmente, nas oportunidades de inserção social e participação política dos jovens que não se identificam como heterossexuais. Além desses aspectos, destaca-se a importância de interpretar essas informações em consonância com outros determinantes históricos e sociais, tais como as violências e mortes de jovens negros e o aumento de registros de LGBTfobia, que também ocasionam a morte de jovens dissidentes da heteronormatividade.

Ante o exposto, é crucial aprofundar a reflexão sobre o contexto social e histórico vivenciado por essa geração de jovens LGBTI+, que pode, ou não, favorecer condições para que desenvolvam formas de agir, pensar e viver com acesso igualitário a oportunidades, direitos e participação política. Nesse sentido, a tarefa de refletir sobre as juventudes demanda desnaturalizar as concepções predominantes que definem o que é ser jovem.

A juventude é alvo de embates e discussões, em particular, nas investigações no âmbito da ciência psicológica, dada as diferentes perspectivas teóricas, principalmente no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento que, historicamente, a tem caracterizado como uma etapa da vida do indivíduo com parâmetros rígidos, cujas experiências são vividas como naturais e homogêneas (Mattos, 2012; Salgado & Lemos de Souza, 2018).

Problematizar a questão não implica ignorar aspectos que caracterizam a entrada na adolescência e juventude, marcadas pelas transformações físicas e biológicas que dão forma a novas imagens corporais e percepção de si mesmo. Contudo, deve-se considerar as mudanças na dinâmica das relações sociais, sobretudo, compreender o caráter político e histórico que atravessa a juventude (Dayrell, 2003; Bock, 2007). Esse momento é percebido, muitas vezes, como restrito à passagem da infância à vida adul-

ta, com intervenções voltadas ao ajustamento de jovens à nova realidade produtiva do país, ignorando a sua participação política e o jogo de posições sociais que podem ser dramatizados nas relações sociais, constituindo a sua subjetividade e as diferentes formas de ser, pensar e viver.

Nesse âmbito, evidenciam-se as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão do desenvolvimento humano, a qual tem Vigotski como seu principal expoente. O autor parte de um posicionamento crítico para pensar a juventude, sobretudo, dado o interesse na gênese histórico-cultural do psiquismo humano orientada pelo/no coletivo e que ocorre de forma colaborativa. (Vigotski, 2000). Sendo assim, nessa perspectiva, ao falar sobre a juventude é necessário compreender = que as relações sociais são fonte de desenvolvimento, pois elas portam a cultura como produção humana (Vigotski, 2000).

Por meio da mediação dos outros e pelo uso da linguagem, toda pessoa tem condições de simbolizar e significar a realidade, apropriando-se dela e incorporando em formas mais complexas de pensar, sentir e agir nas relações sociais. Esse é um movimento constante, a saber, o processo de consolidar novas significações nas interações com outros da cultura, em que o desenvolvimento segue para a conversão das relações sociais em funções psicológicas superiores, complexificando seu posicionamento no mundo (Pino, 2000; Souza & Arinelli, 2019)

Portanto, o jovem é compreendido como um sujeito ativo e revolucionário, pois dispõe de amplas ferramentas culturais com as quais, a um só tempo, apropria-se da cultura e se posiciona nas relações sociais, favorecendo a construção de sua visão de mundo e de novas formas de relação com a própria realidade (Souza, 2021). Desse modo, as situações sociais narradas anteriormente, a heteronormatividade e os demais atravessamentos sociais, atuam como condição para o desenvolvimento histórico-cultural do sujeito, e compõem o modo como cada jovem se relaciona com sua própria sexualidade.

Contudo, como afirma Vigotski (2000, p.35), “a dinâmica da personalidade é o drama”, isto é, a constituição do psiquismo humano se assume como processo dinâmico de conflitos, negociações, resistências e luta interior. Para Delari Junior (2011, p. 185), na concepção de Vigotski, a noção de conflito refere-se a “algo que somente um ser humano concreto pode viver, por conta dos diferentes impasses que ele vivencia somente como ser social”. Sendo assim, as experiências vivenciadas nas relações sociais se constituem como situações dramáticas, nas quais comparecem diferentes “atos”, exigindo que o sujeito “atue” sobre a realidade, em direção às formas de socialização que favoreçam o seu desenvolvimento.

Na Psicologia Histórico-Cultural, tal como discutido por Delari Junior (2011, p. 182), “o ‘drama’ situa-se em uma ‘região de fronteira’, no limiar entre psicologia e arte”, e dessa

aproximação surge a possibilidade de pensar o ser humano tal como o “ator” em uma peça teatral. O ator em diferentes atos tem que lidar com diferentes papéis e afetos, devendo eleger como se apresentará no enredo. Na discussão sobre o desenvolvimento do psiquismo humano, o drama vivido nas relações sociais decorre da assunção de diferentes papéis sociais e os decorrentes conflitos interiores, exigindo do sujeito a escolha de como agir no contexto em que se insere. Delari Junior (2011, p.193) afirma que “mais que um papel se choca, colide em nós num mesmo momento e situação social, numa mesma vivência, única e contraditória”.

Dando ênfase às vivências de jovens gays, pode-se refletir que no drama das relações sociais, ao assumir o papel de estudante, filho e a identidade masculina, concorrem expectativas marcadas pela heteronormatividade, que colidem com a sua identidade sexual. Nesse sentido, as relações intersubjetivas presentes nas situações sociais de cada jovem o colocam para atuar, isto é, agir nas suas relações, em que assume diferentes papéis sociais. Assim, em seu curso o desenvolvimento pode ser vivido pelo jovem como drama, que se caracteriza como conflitos, negociações e resistências permanentes para assumir com liberdade a sua identidade sexual.

Em meio a essas questões, neste artigo, buscamos articular os determinantes históricos e sociais, marcados pela heteronormatividade e conservadorismo, aos modos de ser jovem gay na sociabilidade brasileira. Nossa atenção está direcionada às experiências específicas desses jovens que, em particular, são atravessadas, para além da sexualidade, pelos marcadores etários e/ou geracionais, os quais interferem diretamente em sua inserção social e participação política.

Os dados aqui apresentados resultam de parte das informações obtidas em uma pesquisa-intervenção de mestrado recém-concluída, que teve o interesse de investigar as vivências presentes nas relações intersubjetivas de jovens dissidentes da heteronormatividade. A seguir, discorreremos sobre o método e os procedimentos adotados para a construção dos dados, seguidos pela análise e discussão. Nas considerações finais, retomaremos o objetivo do artigo, buscando novas articulações com as ideias apresentadas.

MÉTODO

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com características de pesquisa-intervenção orientada pela perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e pelo dialogismo proposto por Bakhtin. Nessa perspectiva, considera-se que a complexidade que caracteriza a realidade social demanda adentrar a compre-

ensão das determinações históricas e sociais, entendidas como relações que constituem o fenômeno abordado, situado em uma realidade concreta (Souza, 2021; Aguiar et al., 2021). Entendemos que o dialogismo postulado por Bakhtin (1963/1997) permite alcançar um melhor entendimento do fenômeno por meio do confronto entre diferentes ideias ou hipóteses, oferecendo condições para que as significações sejam expressas.

PROCEDIMENTOS

Com inspiração nessa perspectiva teórico-metodológica, foram realizadas entrevistas semiestruturadas de modo virtual, via a plataforma Microsoft *Teams*, no local e horário escolhido por cada jovem, elegidos por conveniência. O critério para escolha do lugar se deu pela garantia de ser seguro, silencioso e privativo, para que se preservasse as informações compartilhadas em nossas conversas. Ao entrar em contato com nossos interlocutores, foi feita a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas tiveram duração de 2 horas aproximadamente, gravadas em vídeo e posteriormente transcritas para compor o material de análise da pesquisa.

Foram utilizadas perguntas que favoreciam a compreensão dos diferentes momentos em que a sua orientação sexual prevaleceu em suas relações sociais. Na realização das entrevistas buscou-se construir espaços dialógicos que favoreceram a livre expressão dos pensamentos e sentimentos dos participantes e do pesquisador que conduziu as conversas. Esse movimento possibilitou a constituição de relações intersubjetivas, em que houve o compartilhamento de significações das experiências narradas.

ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Os textos-transcrição foram submetidos a uma análise inspirada no procedimento Núcleos de Significação, propostos por Aguiar et al. (2021), e se baseiam na perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Histórico-Cultural. Como parte dos procedimentos de análise, foram feitas leituras recorrentes e aprofundadas para apreender expressões com significações nas falas dos jovens, sendo possível observar algumas situações e contextos sociais que se repetiam, quais sejam, as relações familiares e escolares.

Ao identificar os contextos-interações nas expressões, novas leituras nos fizeram perceber que estavam sendo narradas vivências próprias de cada situação social que foram organizadas como pré-indicadores. No próximo tópico, trataremos da apresentação das trajetórias narradas pelos jovens e, em seguida, as discutiremos com base em dois eixos de análise: "Vivências da orientação sexual nas relações sociais",

em que apresentamos as narrativas dos jovens sobre como perceberam e viveram a constituição da orientação sexual no contexto social atual; e, por fim, "Ser jovem gay", em que discutimos as trajetórias dos jovens e os tensionamentos sociais e políticos que afetam a inserção e participação social desses sujeitos. Destacamos que essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa [comitê de ética em pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, CAAE n. 43125120.1.0000.5481].

NOSSOS INTERLOCUTORES

Optamos por privilegiar as vivências narradas por dois jovens que nos conduziram a ver-ler-saber sobre os processos históricos e sociais que participam da constituição de ser jovem gay, sendo eles Isaque e Jean, nomes escolhidos com o intuito de manter em anonimato as suas identidades. Ambos com 18 anos e recém-egressos do ensino médio cursado em escola pública, residentes na região metropolitana de Campinas, São Paulo. A escolha pelos dois jovens, em meio aos diferentes encontros dialógicos que realizamos, não direciona a síntese das singularidades das juventudes, contudo, dá abertura à possibilidade de acessar múltiplas e diferentes significações, que viabilizam caminhos metodológicos e analíticos para apreender a gênese sociocultural de vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade, desde a particularidade das experiências vividas por Isaque e Jean.

No próximo tópico apresentaremos as vivências que foram narradas pelos jovens, dando espaço para a imaginação e os afetos, sobretudo, ao percebermos que as falas dos jovens, as quais têm sido denominadas como pré-indicadores, aparecem como imagens, que compuseram as cenas vividas por eles em seu cotidiano. Agrupamos essas cenas em cenários específicos, como a escola e a família, onde cada jovem se posiciona e assume papéis sociais que viabilizem sua inserção social e participação política.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

VIVÊNCIAS DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS RELAÇÕES SOCIAIS

As narrativas dos jovens rememoram as lembranças do momento em que foram interpelados pelos outros, em particular pelos pais, colegas da escola e professores, a pensar sobre a sua orientação sexual, o que poderíamos nomear como as cenas de aparecimento das dissidências sexuais. A respeito disso, Jean conta: "na escola acho que todo mundo tem que passar por aquele problema de *bullying*, preconceito, isso é uma coisa horrorosa e existente lá dentro, né? acho que é o

foco ali”, o que era presente em meio às perguntas e brincadeiras, por exemplo, ele lembra que:

as pessoas sempre chegavam e perguntavam: - olha, eu posso te fazer uma pergunta? - Aí eu já sabia o quê que era né? Acho que todo mundo sabe, pessoalmente os gays, já sabem quando vem assim perguntar, fazer uma pergunta, já sabem o que que é né? (Trecho da fala de Jean, abril/2021, em sua residência)

Isaque se lembra de situações que ocorriam na escola e que se aproximam de tais experiências. Ele nos conta:

you tá na escola indo estudar, assim, comprometido realmente, pra ir lá estudar, chegar e aprender, e aí você mal entra e o pessoal já começa a falar coisa, começa murmurinhos, tem que realmente chegar em você pra falar coisa, xingar, sabe?. (Trecho da fala de Isaque, abril/2021, em sua residência)

Nesse sentido, Isaque e Jean compartilham vivências que revelam como na escola se convive com a tensão entre falar a partir da homofobia sobre a homossexualidade e manter o silenciamento das dissidências sexuais. Além da escola, a família é um importante espaço de relações sociais que interpelou as experiências vividas por esses jovens. Segundo Jean:

o que mais puxou... o que antigamente eu mais sentia desprezo, em que eu mais me sentia reprimido, era por conta da minha família, né? Eles tinham mais dificuldade, né, para aceitar e falar que está tudo bem, né? Eles não tinham conhecimento, vamos dizer, eles tinham ignorância, não sabiam do assunto. Nem eu, eu era uma criança também. (Trecho da fala de Jean, abril/2021, em sua residência)

O modo como a homossexualidade aparece na família permeia o não saber e o silenciamento a respeito das dissidências sexuais. Essas posturas assumidas nas relações familiares contribuíram para que as situações de homofobia fossem naturalizadas e silenciadas, tal como Jean se recorda:

sempre que eu chegava e contava isso [situações de violência vividas por ele, em razão da orientação sexual], eles falavam: “- é brincadeira, olha quando você ver isso você fica calado, não fala nada, você vem embora, ou então você não liga, não fala nada, simplesmente vem embora”. (Trecho da fala de Jean, abril/2021, em sua residência)

Portanto, tal como ocorria na escola, embora estivessem presentes falas que colocavam a homossexualidade em ascensão, eram encontradas diferentes formas para que se permanecesse em silêncio.

Nas experiências de Isaque, a homofobia vivida na escola repercutiu no modo como se relacionava com os familiares. A respeito disso, ele se recorda: “quando você não é assumido, você tem muita insegurança, tipo, se meus pais vão me expul-

sar de casa e, se eu ainda vou ter amigos depois disso”. Nesse sentido, as vivências da sexualidade são questionadas e reprimidas, e, dialeticamente, também se silencia, impelindo aos jovens a urgência de se autodefinirem, ainda que se sentissem inseguros quanto às possibilidades de aceitação.

Se em um primeiro momento os jovens relatam as cenas de aparecimento das dissidências sexuais, em seguida se destacam as conversas sobre a revelação da homossexualidade na escola e na família. Essa é uma das experiências mais marcantes, vividas pela maioria das pessoas homossexuais: a de “assumir-se” (Schuman, 2012), e mobiliza os jovens para novas formas de relação com as situações sociais em que se inserem.

Isaque se lembra do processo que foi necessário para que fosse revelada a sua orientação sexual a seus pais, de modo que outros contextos pareçam espaços prévios para atuar e imaginar possibilidades e consequências acerca da sua revelação. Essa situação se relaciona com uma dimensão que se destacou nas narrativas apresentadas pelos jovens, que se refere à aceitação e não aceitação da orientação sexual nas relações familiares. Vejamos o que ele disse a respeito desse momento:

eu acho que, assim, que a pior forma de preconceito que eu poderia ter sofrido foi em casa, com a minha família... eu não me assumi pra minha família primeiro, me assumi primeiro pra amigos, pra alguns amigos e depois pra alguns professores, depois pra alguns pastores da minha igreja, que também foi uma péssima atitude... mas aí chegou, quando chegou na minha família aí foi o boom. (Trecho da fala de Isaque, abril/2021, em sua residência)

Para Jean, a revelação da homossexualidade para a família ocorreu de modo invasivo e repercutiu em sua saída da cidade natal:

Ah, é importante dizer que eu fui embora de Minas, porque justamente a minha avó descobriu que eu estava me relacionando com um rapaz. Ali foi uma coisa horrível, acho que foi o pior processo ali, que eu passei foi essa época, porque a minha vó ela me mandava ir pra igreja todos os dias, ela não me deixava brincar com nenhum menino mais. (Trecho da fala de Jean, abril/2021, em sua residência)

Desse modo, na trajetória de Jean, o momento da revelação trouxe impactos no modo de se relacionar com a família, bem como a partir da perspectiva histórico-cultural, que embasa nossas reflexões, tais situações vividas nas relações sociais desses jovens se configuram como o modo como eles passam a se relacionar consigo mesmos.

Foram diversas as experiências que Isaque e Jean relataram nas entrevistas que marcaram suas trajetórias como jovens gays. Entretanto, dentre elas se sobressaíram aquelas

vividas na escola e na família. Para finalizar esse momento de exposição de suas trajetórias, retomamos as direções que seguiram em suas falas, sobre como relacionam suas experiências com as perspectivas futuras. Isaque afirma:

eu tô procurando esses pilares ainda, os que eu já descartei já, com certeza, é a igreja, a família e a escola, mas eu espero que nessa nova fase da minha vida que eu tô entrando agora, em faculdade... Eu acho que, talvez, sejam bases pra eu me apoiar, talvez agora um novo pilar pra mim seja a universidade, os estudos mesmo. (Trecho da fala de Isaque, abril/2021, em sua residência)

Enquanto para Jean:

no meu caso eu quero ser feliz, enquanto eu estiver aqui. Eu não pedi pra estar aqui, não vim... não pedi pra vir do jeito que eu vim, não pedi pra ser gay, preto, da periferia, não pedi pra nascer no Brasil, eu não pedi isso. Já que... me vem isso, né? então eu vou viver da melhor forma que eu puder viver, feliz, né? Independente de qualquer coisa. (Trecho da fala de Jean, abril/2021, em sua residência)

Nas trajetórias desses jovens esteve presente, a um só tempo, a estimulação para falar sobre a orientação e desejos sexuais, e a opressão dos desejos não heterossexuais que produziu seu silenciamento. Entre o passado e o presente, eles relatam haver maiores condições de exercer o lugar de fala no momento presente, o que seria possível ao encontrarem signos e instrumentos nas relações e experiências vividas, que se ampliaram e favoreceram a visibilização das dissidências sexuais.

Jean relata que após a sua inserção no trabalho encontrou outras formas de lidar com as violências cotidianas, sobre isso ele diz ter descoberto que "a chave para o sucesso é o autoconhecimento". O sucesso aparece em sua fala como a possibilidade de se desvincular de afetos estritamente tristes e encontrar a felicidade. E, nesse sentido, notamos nos relatos a aparente solicitação de novos encontros, ou até mesmo alguém que possa ouvi-los e dialogar sobre o que sentem, o que se aproxima da ideia de Bakhtin (1979/2011, p. 131) ao afirmar que "minha própria palavra sobre mim mesmo não pode ser essencialmente a última palavra, a que me conclui". Desse modo, o que esses jovens compartilharam aparece como a abertura para novos e incessantes diálogos.

SER JOVEM GAY

Nas conversas com os jovens buscamos acessar em suas próprias narrativas o processo de se perceber e se reconhecer como gays, isto é, a identificação que atribuíram para o modo que se relacionam com a própria sexualidade. Nesse movimento, estiveram presentes relatos que ora se aproximavam e ora se distanciavam, como por exemplo, experiências na escola e

família que os interpelavam a pensar a respeito de suas condutas que se distanciavam da matriz heterossexual, o momento da revelação da orientação sexual e a homofobia presentes nas situações sociais que estavam inseridos, praticada principalmente pelos familiares e colegas da escola.

Diante desses relatos, em que fomos provocados a ouvir e ver as cenas vividas, passamos a questionar os tensionamentos históricos e sociais que conformam o modo como se reconhecem e podem atuar sobre a realidade vivida, de modo a situar concretamente as vivências de jovens gays na sociedade brasileira atual. As vivências de Jean e Isaque em suas famílias remontam à ideia de que a aceitação da orientação sexual participa dos processos de aceitação dos próprios jovens no espaço familiar.

Destacam-se os ajustamentos que os familiares mobilizam para que os jovens não escapem da heteronormatividade, o que envolveu o impedimento de brincar com outros meninos, idas constantes à igreja e, até mesmo, a sua mudança de cidade. Essa situação real vivida diz sobre o jogo de posições e o papel social que se pode assumir na sua família e escola, e para si mesmo. Essas experiências dizem sobre os impactos da revelação da orientação sexual dissidente nos laços simbólicos da família, como Gonsalves Toledo e Teixeira Filho (2014) discutem:

revelar que há um membro homossexual na família denota romper laços simbólicos que ligam a família unida segundo as normas da heteronormatividade, fazendo-a deixar de se sentir família, pois perde o laço que a estrutura – corresponder ao referencial do modelo heteronormativo (p. 387).

Nesse sentido, a revelação da orientação sexual coloca em evidência a construção social da aceitação e pertencimento dos jovens em suas relações sociais. Embora aparente que os outros, em particular, os familiares, dominam a forma de ser e existir, nos questionamos a respeito dos processos de significação da realidade, em que está em jogo compreendermos como cada jovem se posiciona nessas situações.

Essas vivências são marcadas constantemente por encontros dramáticos, permeados de tensões e conflitos, os quais desestabilizam as normas sociais que regulam a família e a escola, o que inclui o confronto com a naturalização da afeição, cuidado e os papéis que culturalmente são atribuídos aos atores que compõem esses espaços. Desse modo, o pertencimento e a aceitação não são dados a priori, como se fossem naturais da família e do espaço escolar, mas construídos nas relações cotidianas, e as regulações sociais, que se orientam pela hegemonia heterossexual, favorecem que os outros, quais sejam, os pais, irmãos, colegas e professores, tornem-se vigilantes da sexualidade, implicando no silenciamento, não aceitação e sentimento de não pertencimento daqueles que escapam da heteronormatividade.

Para os jovens não heterossexuais, foram oferecidas condições precárias para que pudessem persistir na existência, mas a força vital de autoconservação do sujeito, o *conatus*, segundo a perspectiva da filosofia espinosana - base filosófica da Psicologia Histórico-Cultural - impulsionaram os jovens para desenvolver atos criativos, em busca de bons encontros, nos quais encontraram outros que abrem espaços para falarem e viverem as suas diferenças e diferentes significações da orientação sexual.

Ao serem constantemente impelidos a se autodefinirem e a encontrarem por conta própria possibilidades de pertencimento e participação nas relações sociais, sobressaem as significações que vão sendo construídas e negociadas em suas relações. Ao serem tomadas como parte da ação de cada jovem, contribuem a um só tempo, para que se percebam como sujeitos silenciados e sem instrumentos para superar essas condições, mas também, como ressalta Chauí (2011, p.91), “nosso *conatus* sempre realiza um mesmo ato, qual seja, buscar relações com o que nos fortalece e desfazer os laços com o que nos enfraquece”. Desse modo, onde esses jovens poderão encontrar espaços para dialogar, e com quem poderão dialogar?

Desse modo, mais uma vez, valemos da importância das relações, dos encontros dos outros, na constituição de si, bem como os afetos que daí se originam. Como diz Delari Júnior (2020, p.66), “os modos de concebermos a realidade são indissociáveis das formas de nos relacionarmos afetivamente com ela”. Acreditamos que novas interpretações e reflexões sobre as realidades vividas por jovens dissidentes da heteronormatividade favorecem a construção de novas perspectivas coletivas e colaborativas para a superação da normatividade da vida que pune, exclui e mata aqueles que atuam criativamente na contração da heteronormatividade.

As vivências desses jovens mostram outros modos de se relacionar afetivamente com a realidade, e vislumbram caminhos ainda a serem percorridos. Em diálogo com a noção espinosana e com a teoria histórico-cultural, houve a persistência em buscar relações que aumentassem a potência de agir, quer seja junto ao mundo, aos demais ou a si próprio. Nas contradições das relações sociais encontraram condições para promoção do desenvolvimento humano e saídas para as situações de silenciamento que encontram nas relações. Isso se encaminha na contração da individualização e ajustamento dos jovens, impelidos a se autodefinirem e serem marcados pela homofobia.

PALAVRAS FINAIS

Neste artigo discutimos os processos de significação da realidade que jovens dissidentes da heteronormatividade lançaram mão ao assumirem papéis sociais em meio à dramaticidade das relações contemporâneas. Ao direcionar os olhares sobre as histórias compartilhadas por Isaque e Jean sob a ótica das vivên-

cias como síntese de múltiplas determinações sociais, históricas e culturais, compreendemos a necessidade de problematizar o momento da juventude e desnaturalizar percepções sobre ser jovem e as identidades gays como únicas e homogêneas, e abrir espaços para múltiplas formas de pensar, imaginar e agir sobre a realidade.

Em nosso encontro, a ênfase atribuída à vivência da orientação sexual revela um componente-chave para compreender a construção da posição social que puderam assumir para a inserção em diferentes espaços sociais. As situações dramáticas vivenciadas por eles são parte de um momento histórico, político e cultural, que ofereceu instrumentos, signos e determinadas relações sociais para que pudessem conceber e se apropriar de modos de significar a orientação sexual dissidente. O que não se deu de modo linear e passivo, mas em constante luta e atuação ativa. O que cada jovem nos conta parte das particularidades históricas e culturais da formação da juventude brasileira, em particular, sudestina e de região urbana. As homossexualidades foram e continuam a ser vividas de modo dramático, não como se fosse algo novo, mas que ainda se sobrepõe, dadas as circunstâncias de valorização do conservadorismo e do embate às vivências LGBTI+.

Tal situação aloca esses jovens numa constante individualização, o que aparece como desafios para a atuação da Psicologia, sobretudo, na criação de espaços coletivos, onde as vivências de jovens LGBTI+ possam ser faladas, vistas e vividas coletivamente, como um caminho para imaginarem e criarem realidades sociais de pertencimento e de promoção do desenvolvimento. Portanto, é necessário promover espaços seguros e inclusivos, onde eles possam expressar suas identidades livremente, sem discriminação ou marginalização. Além disso, é importante fortalecer e proteger as políticas públicas voltadas para a garantia dos direitos dessa população, resistindo a retrocessos que possam comprometer as conquistas já alcançadas.

Adicionalmente, demanda a urgência de explorar como a educação pode desempenhar um papel fundamental nesse processo. É necessário criar currículos escolares que abordem a diversidade de orientação sexual e identidade de gênero, promovendo a aceitação e o respeito desde os momentos iniciais do processo de escolarização. Isso tem o potencial de reduzir preconceitos e estigmas, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Em suma, é fundamental ampliar as discussões sobre as experiências atuais e futuras dos jovens LGBTI+ no Brasil, levando em conta os desafios enfrentados, as intersecções com outros marcadores sociais, como raça, classe e gênero, e as possibilidades de fortalecimento da sua participação social e política. Com base em políticas públicas sólidas e educação inclusiva, abre-se a possibilidade de construir um futuro mais igualitário, em que todos tenham a liberdade de viver e se expressar plenamente, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

FINANCIAMENTO:

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada pela bolsa de mestrado do primeiro autor (CNPq, processo130591/2020-3).

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. Ambos os autores contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; redação inicial e final do artigo (revisão e edição).

REFERÊNCIAS

- Aguiar, W.M. J., Soares, J.R., & Aranha, E. G. (2021). Revisiting the analytical procedure of signification nuclei: Theory and Method in Group Analysis In *Qualitative Research and Social Intervention: Transformative Methodologies for Collective Contexts* (pp. 113–133). Information Age Publishing.
- Bakhtin, M. M. (1997). *Problemas da poética de Dostoiévski* (P. Bezerra, Trad., 2a ed.) Forense. (Obra original publicada em 1963).
- Bakhtin, M. M. (2011). *Estética da criação verbal* (P. Bezerra, Trad., 6a ed.) Editora WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1979)
- Butler, J. (2019). Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. (Aguiar, R. Trad., 18a ed.). *Civilização Brasileira*. (Publicado originalmente em 1990)
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>
- Chauí, M. (2011). *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. Companhia das Letras.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40-52. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>.
- Delari Junior, A. (2011). Sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 181-197. <https://doi.org/10.1590/s1413-73722011000200002>
- Delari Junior, A. (2020). Gênese social da personalidade na visão de Vigotski: aproximação indireta à “educação estética”. In Pederiva, P. L. M, Gonçalves, A. C. A. B, Abreu, F. S. D. (Orgs.), *Educação estética: a arte como atividade educativa* (pp. 53-74). Pedro & João Editores.
- Gonsalves Toledo, L., & Teixeira Filho, F. S. (2014). Laços de família e segredos (sexuais) compartilhados: narrativa de história de vida de uma jovem dissidente em uma família homofóbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 8(11), 121-142. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6546>
- Junqueira, R. (2018). A invenção da “ideologia de gênero”: A emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista Psicologia Política*, 18(43), 449-502. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004
- Mattos, A. R. (2012). *Liberdade, um problema do nosso tempo: os sentidos de liberdade para os jovens no contemporâneo*. FGV Editora.
- Mattos, A. R., & Cavalheiro, R. (2020) Da proteção à instrução: Mobilizações práticas discursivas em torno da infância nos debates sobre gênero e sexualidade na educação. *childhood&philosophy*, 16(01), 1-20. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48344>
- Neri, M., & Hecksher, M. (2021). *Jovens: Projeções Populacionais*. FGV Social. https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/TEXTO-Populacao_Atlas_FGV-Social_Marcelo-Neri.pdf
- Pino, A. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, 21(71), 45-78. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200003>
- Salgado, R. G., & Lemos de Souza, L. (2018). Gêneros, sexualidades e infâncias: cenas de crianças na contramão da inocência. *childhood&philosophy*, 14(29), 241-258. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.30540>
- Santos, R. M. (2020). A mobilização de questões de gênero e sexualidade e o fortalecimento da direita no Brasil. *Agenda Política*, 8(1), 50-77. <https://doi.org/10.31990/10.31990/agenda.ano.volume.numero>
- Schulman, S. (2012). Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05), 68-78. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>
- Souza, V. L.T., & Arinelli, G. S. (2019). A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. *Revista Obutchenie*, 3(2), 1-22. <https://doi.org/10.14393/OBv3n2.a2019-51560>
- Souza, V. L. T. (2021). Art and science advancing human understanding: epistemological and Methodological Foundations. In *Qualitative Research and Social Intervention: Transformative Methodologies for Collective Contexts* (pp. 15–34). Information Age Publishing
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929 [Psicologia Concreta do Homem]. *Educação & Sociedade*, 21(71), 21-44. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>
- Vigotski, L. S. (2006). Paidología del adolescente. In L. S. Vygotiski, L. S. Obras Escogidas IV: Psicología Infantil, (Kuper, L. Trad.) (pp. 4-193). A. Machado Libro. (Publicado originalmente em 1931)

Data de submissão: 02/06/2022

Primeira decisão editorial: 23/05/2023

Aceite: 01/08/2023